

TRADUÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO: CONCEITOS, TEORIAS E METÁFORAS

Translation of globalization: concepts, theories and metaphor

Diego Rodrigues¹

Resumo: A globalização é um objeto de estudo bastante controverso nas ciências sociais, no sentido de que apresenta muitas possibilidades de interpretação. Estas possibilidades derivam, em grande escala, do enfoque dado às consequências, aos efeitos, aos impactos do processo de globalização do capital; dos padrões estéticos, de comportamento e ideológicos; da cultura etc. Nas teorias que buscam traduzir o fenômeno da globalização surgem inúmeras metáforas, imagens e conceitos que fazem uma aproximação figurativa sobre aquilo que se pode ver sobre este processo: “aldeia global”, “fábrica global”, “fim da geografia”, “fim da história” etc. Cada uma destas metáforas, imagens e conceitos apresentam um panorama distinto sobre um mesmo fenômeno. E mesmo diante da variedade de conceituações e imagens criadas, existem algumas relações estruturais que as integram à globalização em uma mesma lógica, uma relação coincidente.

Palavras-chave: Globalização. Conceitos. Metáforas.

Abstract: Globalization and a study of object very controversial in social sciences, not sense que features lots interpretation possibilities. these possibilities derive large-scale, make focus given how consequences, effects, at impacts the process of capital globalization; aesthetic, ideological and behavior patterns; of culture etc. in theories what seek translate phenomenon globalization arise numerous metaphors, images and concepts what do a figurative approach about what you can see about this process. “global village”, “global factory”, “end of geography”, “end of history” etc. each of these a metaphors, images and concepts have distinct panorama about same phenomenon. And even given the variety of concepts and created images, there are some structural relations que as part of the globalization in logic a same, a coincident relationship.

Keywords: Globalization. Concepts. Metaphors.

Introdução

A globalização, enquanto objeto de pesquisa, revela uma multiplicidade de concepções, conceitos e teorias. Na busca de uma consciência sobre “o que está acontecendo”, surgem metáforas que tentam ilustrar as ações empreendidas, que, de uma forma ou de outra, causam estranheza ao estado “normal” – ou habitual – das coisas. “As metáforas parecem florescer quando os modos de ser, agir, pensar e fabular mais ou menos sedimentados sentem-se abalados”. (IANNI, 1999, p.14).

Devido à vasta extensão de domínios atingidos pela globalização, estendem-se também as formas de interpretá-la. Em diferentes trabalhos, nota-se uma atribuição de que a globalização arrasta e atinge com sua lógica todas as esferas que comportam as condições humanas – na globalização “[...] há mais coisas do que pode o olho apreender”. (BAUMAN, 1999, p. 7).

Nem mesmo quando se fala em “globalização” – no processo propriamente dito – se encontra um modelo conceitual *sui generis*. O surgimento das metáforas revela uma aspiração por uma clareza de definição. “Toda a metáfora é um relato figurado; o que se ganha em consciência perde-se em precisão conceitual [...] Por isso as metáforas nos dão um retrato incompleto e nebuloso do que está querendo apreender”. (ORTIZ, 1998, p. 15).

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI. Rodovia BR 470 – km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

Isso não significa que as metáforas sejam de um rigor ineficiente para a produção de ideias. Na verdade, “As metáforas abundam diante da falta de conceitos”. (ORTIZ, 1998, p. 16). Acontece que as metáforas, tão somente, têm o poder de aliar a um determinado objeto de exposição aspectos característicos de outro, devido a alguma semelhança entre ambos – e como ambos possuem mais propriedades distintas que normalmente excluem-se, acabam-se excluindo características não convenientes para o “casamento” dos dois objetos. (GARCIA, 1986, p. 84). É justamente por causa desta exclusão que as metáforas oferecem um “retrato incompleto e nebuloso” e, portanto, insuficientes para oferecerem uma “precisão conceitual”, mas não para descrever os efeitos incorporados à globalização. “Vistas [...] como emblemas da globalização, as metáforas desvendam traços fundamentais das configurações e movimentos da sociedade global [...] delineando fisionomias e movimentos do real, emblemas da sociedade global desafiando a reflexão e a imaginação”. (IANNI, 1999, p. 23).

Na relação das teorias, existem muitas globalizações. Existe a globalização cujas essências são de ordem: “[...] política, tecnológica e cultural, além de econômica”. (GIDDENS, 2006, p. 22); entretanto, também há uma globalização de muitos efeitos, mas cuja essência é pura e singularmente estimulada pela motivação econômica (SANTOS, 2001, p. 18). O discurso sobre globalização é ambivalente. Os modelos teóricos variam, e isto, devido à numerosa bagagem de fatos, causas e efeitos que lhe pertencem – na globalização “[...] há mais coisas do que pode o olho apreender”. (BAUMAN, 1999, p. 7).

Portanto, diante da realidade de uma pluralidade de vozes sobre um assunto comum, o presente artigo pretende uma aproximação e análise de pelo menos duas metáforas que deixam claros os moldes seguidos para o seu uso. O artigo também será composto de uma descrição sobre o exercício e a vivência de um estágio de observação e regência de aulas na Escola de Educação Básica Henrique Fontes, situada na Rua Duque de Caxias, 770 – Humaitá, CEP: 88704-269, Tubarão – SC.

As ações executadas neste estágio foram 20 horas de observação de aulas de turmas do ensino fundamental e 5 horas de regência de turmas do ensino fundamental sob observação do professor titular da escola.

Relação coincidente

Numa primeira leitura sobre globalização se vê uma clara alternância de enfoques no que, de fato, está sendo globalizado: as pessoas, os interesses, as ideias, as culturas etc.

O conteúdo que resulta de suas análises cria em seus dois polos, seja na afeição, seja na aversão, uma pluralidade de vozes que conceituam de diversas formas este mesmo objeto. Mas mesmo neste alarido de vozes contraditórias, aparece certa harmonia – certo produto comum.

As interpretações feitas sobre a globalização por seus opositores, reformadores², ou apologistas, apresentam notadamente a observação de que o arquétipo e combustível da globalização – sendo esta talvez, ilusória, possível ou real – residem em um vínculo entre a ideia do capitalismo e de sua internacionalização, multinacionalização, transnacionalização, ou, de sua globalização³: capitalização do mundo ou mundialização do capital. Esta é uma relação coincidente em diversos olhares sobre a globalização.

Como a globalização – em sua matriz e força apreendidas da relação antes citada – não trata de um fenômeno com resultados e aspectos de identificação reduzidos, suas origens serão diversas; podem ser pontuadas, por exemplo,

² Como é o caso das possibilidades levantadas por Milton Santos em sua obra: *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*.

[...] com o nascimento do capitalismo, ao passo que outras [...] com o colonialismo e o imperialismo [...] Há raízes do globalismo que vêm de longe, ao passo que outras emergem com a Guerra fria e desenvolvem-se com a desagregação do bloco soviético e a dissolução ou reforma dos regimes socialistas [...] (IANNI, 1999, p. 184).

Tudo depende do enfoque a ser dado. Por exemplo, se a questão levantada em seu redor for a que trata da movimentação comercial de mercadorias, então será comum notar no vínculo das acepções que pretendem traçar sua genealogia, o uso do sentido de uma observação de Marx, usada como subsídio: “A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital; este só aparece quando a produção mercantil e o comércio alcançaram certo grau de desenvolvimento”. (MARX, 2012, p. 73). Esta referência, obviamente, perderá todo o seu “valor de uso” se a questão tratada diz respeito ao processo de aculturação que também está inserido na globalização – processo este que naturalmente não pertence à jurisdição do assunto ali tratado.

Teorias e metáforas da globalização

As teorias são modelos epistêmicos presentes nas ciências sociais que pretendem traduzir o momento, recortando os mais diversos objetos – que pode se entender como os resultados ou efeitos – inseridos na globalização. Estes diferentes objetos servem de base para a criação de proliferadas imagens, figuras, parábolas, signos e metáforas – inseridos não somente em textos científicos, mas também, filosóficos e artísticos – para melhor explicar o mundo, nisto que seria uma nova configuração histórico-social.

Metáforas como “aldeia global”, “fábrica global”, “nova Babel”, “sistema-mundo”, “*shopping center* global”, “moeda global”, “cidade global”, “mundo sem fronteiras”, “tecnocosmo”, “fim da geografia”, “fim da história”, “Disneylândia universal” etc. trazem, separadamente, uma conotação especial, não do fenômeno em si, mas de aspectos incorporados a ele; conotações de ordem: sociais, econômicas, políticas, geográficas, históricas, geopolíticas, demográficas, culturais, religiosas, linguísticas etc. (IANNI, 1999). O que se percebe nestas metáforas é que os traços associados às imagens que ilustraram a ação em questão, dizem mais respeito “[...] aos efeitos [...] e não às iniciativas e empreendimentos globais”. (BAUMAN, 1999, p. 67).

Pela imensa ramificação de efeitos causados por um mesmo fenômeno, nisto resulta. “As tentativas de definir a globalização são, o mais das vezes, só um pouco melhores do que as apropriações ideológicas – discussões não do próprio processo, mas de seus efeitos, positivos ou negativos [...]”. (JAMESON, 2001, p. 17).

Aldeia global

Os “efeitos da globalização” são muito importantes aqui. As afirmações apresentadas por Zygmunt Bauman (1999) e Fredric Jameson (2001) ajudam a elucidar a nebulosa em torno das metáforas da globalização. Servindo-se destas observações, e das conclusões antes apresentadas, é possível dizer que a metáfora da “aldeia global” não encerra a ideia sobre em que a globalização se resume, integralmente.

Esta metáfora trata especificamente do triunfo e emancipação da transmissão de informação, de ideias – e de todo e qualquer produto que se sirva da comunicação para tanto – sobre as restrições impostas às mesmas pelo espaço/tempo.

A questão é que a aldeia global, assim como todas as outras metáforas, intensifica somente um traço que a globalização comporta: “[...] globalidade das ideias, padrões e valores socioculturais, imaginários”. (IANNI, 1999, p. 119).

Por exemplo, na lógica desta metáfora, Giddens (2006, p. 22) comenta que:

Em meados do século XIX [...] Samuel Morse, transmitiu a primeira mensagem através do telégrafo elétrico [...] nunca tinha sido enviada uma mensagem sem que uma pessoa transportasse ao seu destino. Pela primeira vez na história, podemos estabelecer comunicação instantânea com o outro lado do mundo.

Esta transformação alimentou a potência ou o ato de aproximação entre os indivíduos. As possibilidades alcançadas com o avanço das técnicas eletrônicas e cibernéticas transportaram o homem a uma realidade independente no âmbito das produções e interações, via comunicação. É certo que o alcance proporcionado por Gutenberg, em 1450 – sucedido pelo dos chineses, desde o século XI, e dos coreanos, desde o início do século XV – transformaram os modos de saber, informar, comunicar. Mas, se o encanto deste novo comunicar diz respeito às transformações na *velocidade*, *transporte*, e *localidade* do conteúdo – fronteira natural entre emissor e interlocutor –, então cabe a Samuel Morse as honras. “Somente em 1837, com a invenção do telégrafo elétrico [...] foi quebrada a tradicional ligação entre transporte e comunicação das mensagens” (BRIGGS e BURKE, 2004, p. 26).

Hoje, a realidade é outra. A “*world wide web*” inseriu uma concepção de imediatismo no tocante ao tráfego e consumo de informação – o que faz pensar que há um todo integrado. “O espaço tornou-se ‘processado/organizado/normalizado’ e, acima de tudo, emancipado das restrições naturais do corpo humano”. (BAUMAN, 1999, p. 24).

As possibilidades são muitas, os produtos de consumo na *web* incontáveis, e as capacidades de ação e interação dos indivíduos entre si – e também com os produtos a serem consumidos *on-line* – abriram uma nova porta na condição existencial do homem, onde se pode virtualizar muito do que é feito na realidade física.

Posso não apenas ler um livro, navegar em um hipertexto, olhar uma série de imagens, ver um vídeo, interagir com uma simulação, ouvir uma música gravada em uma memória distante, mas também *alimentar* essa memória com textos, imagens etc. Torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam *comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória* na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica. (LÉVY, 1999, p. 94).

A aldeia global sugere também, com toda a sua ideia de coletividade mundial integrada, uma noção de irmandade e de um mundo novo, abrangente e equivalentemente possível para todos os nativos pertencentes a esta comunidade mundial. Ideia que abre um leque de fabulações, impressões e sensações sobre um mundo que venceu o espaço/tempo em todas as suas esferas componentes, seja na mobilidade não só da informação, mas física dos sujeitos.

Mesclados a metáfora da aldeia global vêm os conceitos de “fim da geografia” e “mundo sem fronteiras”, que seguem a mesma lógica de superação do espaço/tempo, conceitos estes, que possuem certo grau de parentesco com a metáfora da “fábrica global”.

Fábrica global

Aqui se apresenta uma nova roupagem “quantitativa e qualitativa” do capitalismo para além das fronteiras nacionais integrando todas as formas de organização social e técnica do

trabalho, da produção e reprodução: “Assim, o mercado, as forças produtivas, a nova divisão internacional do trabalho, a reprodução ampliada do capital desenvolvem-se em escala mundial”. (IANNI, 1999, p. 18).

A fábrica global trata da ética e das novas possibilidades de movimentação do capital. Sua gênese costuma ser traçada a partir da Revolução Industrial, mas também, defendida com base na abertura para o livre mercado dos países do bloco soviético no final da Guerra Fria.

Sua ética é tremendamente atacada. Ora se atribui o título de uma “lógica” da globalização, ora a lógica da fábrica global. As duas opções são convergentes, visto que se trata de um ataque crítico a lógica do capitalismo, de um modo geral.

A globalização mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade [...] as empresas globais [...] não têm preocupações éticas, nem finalísticas. Dir-se-á que, no mundo da competitividade, ou se é cada vez mais individualista, ou se desaparece. Então, a própria lógica de sobrevivência da empresa global sugere que funcione sem nenhum altruísmo. Mas, se o Estado não pode ser solidário e a empresa não pode ser altruísta, a sociedade como um todo não tem quem a valha. (SANTOS, 2001, p. 65).

Ela triunfa e tem potencialidades avassaladoras sobre as economias e governos nacionais – as grandes movimentações políticas agora são pertencentes ao mercado.

O aspecto mais preocupante dessas novas estruturas das corporações globais é a sua capacidade de devastar os mercados de trabalho nacionais ao transferir suas operações para locais mais baratos em outros países ou continentes [...] a enorme expansão dos mercados financeiros é uma característica da nova paisagem econômica [...]. (JAMESON, 2001, p. 25).

Os países subdesenvolvidos – o Éden das transnacionais – abrem seus terrenos para instalação de grandes unidades de produção de bens destinados ao mercado mundial. Com uma nova divisão internacional do processo produtivo, abundaram as possibilidades de operações realizadas com baixa qualificação profissional adquirida em curto prazo; segue-se a isto, o desenvolvimento das técnicas de transporte e também – tão, ou mais importante – das técnicas de comunicação possibilita a produção parcial ou completa em qualquer lugar do globo. É assim que a fábrica global “acaba” com a geografia. É assim, também, que o elo entre a metáfora e o conceito, dentro de um sistema materialista de interpretação e crítica, recortam um olhar peculiar sobre as especificidades da globalização.

Conclusão

Apesar das diferentes concepções que pretendem uma elucidação sobre o processo de globalização – sejam elas de uma globalização mecanicamente bem estruturada, com seus empreendimentos e efeitos objetivamente previstos e pautados, ou, sejam de uma globalização caótica, cujos resultados respingam nas diversas esferas que comportam as práticas, condições e realidades humanas devido à corrida infrene do capital que perpassa por todas elas – pode-se notar nesta variedade de discursos a relação direta da economia e a preocupação com a ruptura dos antigos modos de ser e viver.

Todas as metáforas possuem um ramo de análise que modelam os significados, criando um universo específico para o seu objeto, na busca de esclarecer as especificidades por elas tratadas.

Como a globalização – configurada do jeito que for – nos afeta diariamente, desde a roupa que usamos, o comportamento que aderimos, os produtos que consumimos, o emprego que perdemos etc., estas diferentes teorias, conceitos e metáforas nos ajudam a entender melhor a lógica do mundo em que vivemos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FRIEDEN, Jeffrey A. **Capitalismo global: história econômica e política do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GARCIA, Othom M. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARX, Karl. **O capital**. 3. ed. São Paulo: Edipro, 2012.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.